

# OS PASSOS DA PAIXÃO DE CRISTO (SETÚBAL)

JOÃO FERREIRA SANTOS  
DANIELA DOS SANTOS SILVA  
JOSÉ LUÍS NETO

**RESUMO** Setúbal apresenta um conjunto de cinco pequenas ermidas, correspondentes a cinco Passos de procissão, dispersos na malha urbana. Para que servissem e o que reflectiam será o propósito que se procurará reflectir. Estas infra-estruturas sagradas poderão servir de ponto de análise de arqueologia social.

**PALAVRAS-CHAVE** Setúbal, Contra-Reforma, Irmandade de Santa Cruz, procissão, Passos (arquitectura)

Quando analisamos uma antiga carta de Setúbal (Pereira, 1990, p. 145-154), algo que imediatamente ressalta é o facto da distribuição dos lotes aparentar alguma regularidade. Tal é igualmente constatável aquando de uma visita pelo actual Centro Histórico da cidade, onde a organização perpendicular predomina na área de vale e a organização radial predomina nos morros (Pereira, 1993 e Faria, 1990). Contudo, estas apreciações baseiam-se numa perspectiva marcadamente exterior, feita através de uma percepção construída a partir do espaço público, da rua, onde a malha urbana se apresenta neutra, genericamente coerente nas características gerais do edificado (Blot, 2001). Tal é natural, pois excluindo os edifícios religiosos, desde os conventos e igrejas paroquiais, até às ermidas instituídas pelas há muito extintas irmandades e confrarias, que povoam os largos e interrompem a monotonia do traçado ortogonal, com fachadas claramente distintas em proporção e monumentalidade, o espaço público exterior é maioritariamente profano. Os Passos da Paixão opõem-se a esta concepção (Neto, 2010), correspondem a pequenos monumentos, pontos fixos que ligam um antigo percurso processional. Trata-se de um itinerário de tipo labiríntico, que representa um rito penitencial através da simbologia da procissão, transmutando metaforicamente a totalidade do espaço urbanizado em espaço sagrado (Eliade, 1992).

A procissão evoca o caminho, ela toma o sentido de peregrinação e procura mostrar a visão cristã da brevidade da vida e da fé no além. Os Passos da Paixão, nesse sentido, são um caso paradigmático. Procuram retratar as últimas horas da vida de Jesus. Através da sua dramatização procura tornar claro e acessível a todos os crentes o sentido do sacrifício da vida de Cristo e esclarecer o significado da Páscoa cristã. É este o propósito da *Via Crucis*. Originalmente existiam 14

passos, mas as suas versões simplificadas tinham sete apenas, tal como as da *Via Matris (dolorosae)* (Falcão, s.d., p. 131-135), da *Via Sanguinis* (que procura fazer a evocação das sete efusões de sangue de Cristo explícita ou implicitamente recordadas nos Evangelhos), e da *Via Lucis* (que recorda as várias aparições de Cristo ressuscitado). A sua origem data do século XIV e é incentivada pelos franciscanos para ser praticada na Sexta-feira Santa. Na sua génese era uma imitação da peregrinação a Jerusalém, numa fase pós-cruzadística. Representava-se a agonia de Jesus, do *Getsemani* até à crucificação, com momentos de meditação e oração nas várias estações. Esta representação dinâmica tem um forte cunho popular, como é constatável na estação da "Verónica", inexistente nos Evangelhos. A forte influência, no século seguinte, das obras da *Nova Devotio*, que recentram Jesus na religiosidade popular, o uso que se deu à *Vita Christi* de Ludolfo da Saxónia e às *Meditationes* do Pseudo-Boaventura, reforçam a atenção nas personagens e nas situações do drama sagrado (Sousa, 1999, p. 59-71).

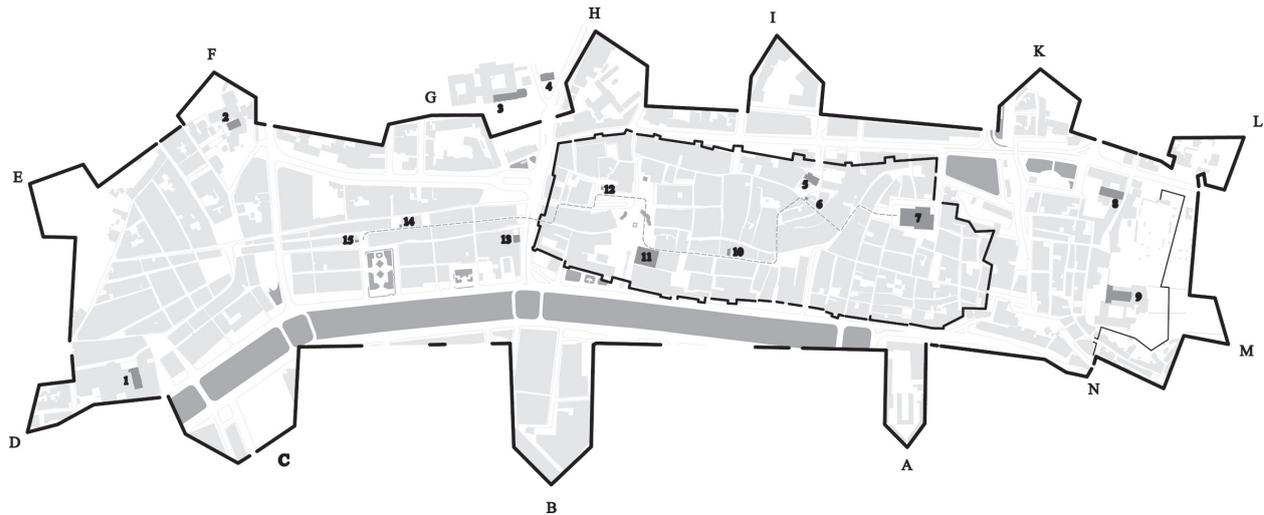
Em Portugal, a Irmandade dos Passos de Lisboa é fundada por Luís Álvares de Andrade, que pretendia suscitar a devoção pela Santa Cruz. Esta foi apadrinhada pela Companhia de Jesus, mas instalada no Convento dos Agostinhos da Graça, em 1586. É esta irmandade que vai importar, de Sevilha, o modelo de procissão, que representava o caminho doloroso do Pretório ao Calvário. O arcebispo de Lisboa envolve-se pessoalmente no projecto, assistindo a confraria na marcação dos Passos ao longo da cidade de Lisboa, num percurso que levava de S. Roque à Nossa Senhora da Graça. É ao longo da centúria seguinte que a procissão dos Passos da Paixão de Cristo se vai assumindo face às demais realizadas em Lisboa, expandindo-se, principalmente no século XVIII, para as mais variadas localidades metropolitanas e

coloniais, através de um sistema de cedência de direitos às irmandades locais, nomeadamente as Misericórdias. Inicialmente os Passos eram construídos em estruturas precárias, sendo só edificados permanentemente no século XVIII (Sales e Azevedo, 1925). A Santa Casa da Misericórdia integrar a nova procissão dos Passos da Paixão com relativa facilidade, uma vez que já em si centralizava as celebrações públicas da Semana Maior, ou Semana Santa (Santos, 2011), celebrando os momentos essenciais da fé cristã. Para além da Eucaristia na Quinta-feira Santa, fazia sair à rua duas procissões, uma na Quinta-feira e outra na Sexta-feira respectivamente. A procissão das Endoenças (ou do Senhor Ecce Homo), de carácter penitente e disciplinante, era destinada “à remissão das faltas dos penitentes públicos, e a Procissão do Enterro do Senhor, trazida de Jerusalém pelo P.<sup>o</sup> Paulo de Portalegre – nos finais de Quatrocentos – para o Convento de Vilar de Frades e rapidamente difundida e assimilada por todo o país” (Tojal e Pinto, 2002, p. 90-96). Almeida Carvalho, erudito investigador local de Oitocentos aponta-nos a recriação da terceira procissão, também na Sexta-feira de Paixão, quando nos diz que “A Procissão do Senhor dos Passos, em fins do século 17.<sup>o</sup> era feita pela Confraria da Misericórdia [ pelo menos desde 1610] (ADS – FAC, 37/9, f 4), visto que em Setúbal não havia sido instituída, como em Lisboa, a irmandade da cruz que ali nesta cidade fazia a dita

procissão, mas como por aquele tempo não só a mesa de conselheiros da confraria da misericórdia, mas toda a nobreza da Setúbal desejavam e queriam instituir nesta vila a irmandade da cruz, à qual ficaria incumbida a mesma procissão dos Passos, a mesa e confraria da misericórdia, em 3 de Março de 1678, limita de si a posse que tinha a favor da procissão, contando que se usasse a irmandade da cruz na igreja de Santa Maria da Graça, e a ela ficassem pertencendo as obrigações, condições, compromisso e tudo mais que tocasse ao bem/bom e aumento da dita irmandade, sob condição que esta nunca poderia ter tumba para os enterros, não obstante qualquer breve ou ordem, que tivesse a irmandade da cruz de Lisboa, ou outra irmandade da cruz, e no caso contrário, poderia logo a Casa da Misericórdia tornar a fazer a procissão dos passos, e ficar em sua antiga posse, como então se achava. E com sob esta condição prometem conservar a irmandade da cruz o direito que lhe cedem, de fazer, a procissão. E sendo caso que não permitisse Deus, de não se fazer a procissão dos Passos, não se conservando sempre com aquela mesma solenidade, com que se fazia até então, pela Casa da Misericórdia, em tal caso esta poderia tornar a tomar posse dela o que não fazia enquanto se fizesse na forma do seu compromisso” (Arquivo Distrital de Setúbal – Fundo Almeida Carvalho 37/9, f. 5 e 6 – extraído de Livro n.º 223 – Termos e Acordãos da Mesa de 1671 – 1713, f. 97 – Arquivo da Santa Casa da Misericórdia



1. Instituto de Arquivos Nacionais – Torre do Tombo e a *Planta da Vila de Setúbal* da autoria de Maximiano Joze da Serra, Sargento-Mor do Real Corpo de Engenharia, elaborada em 1805 – Museu de Setúbal/Convento de Jesus.



2. Sobreposição do traçado da muralha medieval e da muralha setecentista com a malha urbana, actual, da cidade de Setúbal.

de Setúbal). Os membros da Irmandade dos Passos de Setúbal são os próprios mesários da Santa Casa local (Abreu, 1999, p. 269).

Assim, passaram a ser três as procissões Pascais: a dos Endoenças, na Quinta-feira, com percurso circular, começando e terminando na Capela da Misericórdia, plasmada no capítulo 34.º do Compromisso da Irmandade, realizada desde 1500, com passagem pelas outras igrejas dentro das muralhas da Vila. Segue-se a dos Passos, à Sexta-feira ao anoitecer, com percurso linear irregular, entre a Igreja de Santa Maria e a de Nossa Senhora da Anunciada, promovida pela Irmandade dos Passos de Lisboa (Confraria da Cruz) em parceria com a Santa Casa local, desde 1678. Seguiu-se a Procissão do Enterro, nessa mesma Sexta-feira à noite, com percurso entre a Capela da Misericórdia e uma das igrejas paroquiais, instituída pelo Compromisso da Irmandade, realizada desde 1500, com passagem pelas outras igrejas dentro das muralhas da Vila, sendo apoiada pela Irmandade, mas igualmente de organização concessionada.

Somente a partir de 1738 foram edificados os Passos definitivos, um conjunto de cinco peças da autoria de João Baptista de Castro (Silva, 1990, p. 35), feitas “com a esmola dos fiéis” como claramente indica a inscrição em todas elas (Os ditos Passos foram doados pela Irmandade dos Passos à Santa Casa da Misericórdia em 1862, conforme ao Auto de Posse sito no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal: “Auto de Posse – Todas as Alfaias, bens e direitos que pertenciam à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos dada em 2 de Julho de 1862 à Santa Casa da Misericórdia de Setúbal; cinco capelas situadas em diversas localidades desta cidade, e que servem de estações dos cinco passos,

avaliadas em duzentos e setenta e cinco mil reis.”). Todos os edifícios envolvidos nesta procissão ainda existem no Centro Histórico de Setúbal (Santos, 2011), quer os Passos, quer as igrejas. Os cinco Passos têm um traçado idêntico, de características barrocas, de plantas quadrangulares, simples e regulares. A disposição de elementos foi feita de forma a enaltecer a verticalidade dos alçados, com uma cobertura homogénea em telhado baixo. As fachadas principais são constituídas por um embasamento de cantarias, enquadradas em cunhais formados por pilastras trabalhadas, com portais sobrepujados por arco de volta perfeita com pedra de fecho, emoldurado por uma arcada de arco direito; os portais com tímpano, de duas folhas, implantadas numa estrutura de ferro e vidro, não são as originais, que seriam de duas folhas de madeira e respectivas ferragens, provavelmente pintadas nas faces internas. Porém, apesar da sua razoável conservação formal, apenas um, situado no Largo da Verónica, com uma pintura da Verónica, permite entender o percurso que era efectuado.

Para se perceber o que implicava esta procissão é necessário conhecer os lugares por onde passava e os seus símbolos e significados. Pensamos pois que a primeira estação se passaria dentro da Igreja de Santa Maria, onde estaria Jesus no Pretório. O ano concreto da edificação dedicada a Santa Maria da Graça é desconhecido, mas sabemos que foi por meados do século XIII. A igreja foi reconstruída já na segunda metade do século XVI, pela mão do notável arquitecto António Rodrigues. Assenta sobre um pódio, tal qual templo romano, com uma fachada sóbria e geometricamente equilibrada, como que se inclina sobre o largo que o antecede, causando no observador uma sensação

de ligeira atemorização. A perfeita geometria mantém-se no seu interior, onde a luz, desafogada, inunda as três naves do templo. São de particular interesse as colunas pintadas em Setecentos, bem como o belíssimo tecto da mesma centúria, onde temos algumas das

figuras axiais do cristianismo. Há esculturas de belíssimo recorte que datam desde o século XV e o altar, de talha dourada, vislumbra. As capelas laterais merecem um olhar atento, tendo alguns túmulos de fino recorte. À esquerda da igreja, temos o Largo do Corpo Santo,



3. 1.º Passo – Pretório – Sé Paroquial de Setúbal - Santa Maria da Graça.



4. 2.º Passo – Primeira das três quedas de Cristo, prostrado por terra sob o peso do madeiro da cruz.



5. 3.º Passo – O doloroso reencontro de Maria com seu Filho.



6. 4.º Passo – Simão Cireneu ajuda Cristo, prostrado, a suportar o peso da cruz.



7. 5.º Passo – Verónica enxuga o rosto de Cristo.

com a Casa do Corpo Santo. Data de 1714 a construção do Palácio dos Cabedos (família aristocrata, provavelmente de origem castelhana, que se afirma em Setúbal e Portugal na época dos descobrimentos), tal como o podemos adivinhar ainda hoje por entre as alterações oitocentistas ao edifício. Este Palácio ocupava uma área enorme, principalmente sabendo que se tratava de um palácio urbano, acrescentando ainda a particularidade de estar dentro das muralhas medievais, mandadas erigir por D. Afonso IV. No entanto, e provavelmente por um misto de acto piedoso e de interesse comercial, esta família que possuía fortuna, também através dos negócios ligados ao Sal, com marinhas, pelo menos, até Palma, oferece uma parte deste Palácio à Confraria do Corpo Santo. Esta Confraria, de origem medieval (o primeiro compromisso data de 1340), era a mais importante de Setúbal, pois congregava no seu seio os interesses dos pescadores, armadores e dos marítimos (de onde provinha a riqueza da então *Vila de Setuval*), e tal reflectia-se no poder económico e político que esta tinha, com benefícios dos monarcas e capela e jazigo próprios na capela da Epístola da Igreja de Santa Maria. A capela do Evangelho pertencia aos Salemas, outra importante família setubalense, cruzada com os Cabedos e os Sandes. Por detrás desta Igreja, como que apoiando a nobreza local, ficava a capela e colégio dos Jesuítas.

Era deste templo, complementado por este largo



8. Retábulo do Passo da Verónica.

aristocrata que saia a procissão, passando para a medieval rua direita, cortando na Rua dos Almocreves, até chegar ao Largo de Santo António, com uma capela com o mesmo nome, que albergava algumas das mais importantes confrarias profissionais de artesãos (pedreiros e carpinteiros). Aí está o primeiro Passo (segunda estação), com a primeira das três quedas de Cristo, prostrado por terra sob o peso do madeiro da cruz. Virando a Sul, corta-se pela antiga judiaria e rapidamente se chega a um novo largo, onde se instalou a Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, no espaço do medieval Hospital do Espírito Santo. Aí foi antigamente o ponto fulcral da artéria financeira de Setúbal. A ligação entre a actual Rua da Velha Alfândega, com a Alfândega portuária (actual Biblioteca Municipal), a capela da Misericórdia, a Rua dos Ourives (actual Rua Dr. Paula Borba) e a Rua dos Mercadores (actual Rua Serpa Pinto), centrava o mais lucrativo da actividade económica e da actividade financeira. A documentação das irmandades fala-nos de ourives de ouro, ourives de prata e ourives não específicos, mostrando um grau de especialização que levou à posse de marcas de contrastaria próprias de Setúbal. Tal concentração de oficinas tão especializadas na arte dos metais é reveladora do volume de capital moeda que circulava em abundância nesta via. Aí circulavam os mercadores do Norte da Europa, o ouro e o tabaco que vinha do Brasil, o ouro e os escravos que vinha de África, as porcela-



9. 6.º Passo – O encontro de Cristo com as mulheres de Jerusalém que choram por Ele.

nas da China e muitos outros produtos exóticos dos vários continentes. Por esta razão Setúbal era então a terceira povoação do país. Este animado ambiente de hiper-abundância e cosmopolitismo, que se estendia ainda ao Largo da Ribeira Velha e à Praça de Bocage, em claro contraste com a modéstia do Troino e Palhais, fez com que em torno desta área se instalassem os palácios das famílias aristocráticas mais relevantes, das quais restam ainda alguns exemplos e muitas outras



10. 7.º Passo – Calvário – Local onde se encontrava a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Anunciada, actualmente é o Centro de S. Francisco Xavier, da Caritas Diocesana de Setúbal.

pedras de armas. Naturalmente é neste ponto que encontramos o segundo Passo, na Rua dos Ourives, com o doloroso reencontro de Maria com seu filho.

Avançando para poente, chegamos naturalmente à antiga Praça do Sapal, actual Praça de Bocage. O desafogo que demonstra contrasta claramente com o urbanismo liliputiano do restante centro histórico, em projecto urbanístico promovido por D. João III. Dois dos três edifícios dominadores do espaço ainda subsistem. O palácio dos Duques de Aveiro foi irremediavelmente perdido em 1755, sendo que o actual Governo Civil é palidíssima amostra da sua anterior opulência. A igreja de S. Julião, orago benévolo dos pescadores, foi o segundo templo a ser edificado em Setúbal, ainda no século XIII. Padeceu bastante com a sua localização, tornando-o particularmente exposto aos malefícios dos terramotos, sendo que sofreu terrivelmente em 1531, 1755, 1858 e 1909. A sua fachada é barroca, ostentando os fogaréus pombalinos derribados do seu poiso altaneiro em 1858. Mantém ainda as portas manuelinas, belíssimo trabalho em calcário do segundo templo, da autoria de João de Castilho, arquitecto dos Jerónimos, com um grande retábulo no altar-mor da autoria de Gregório Lopes, nome maior da pintura quinhentista portuguesa, do qual apenas resta hoje o “Nascimento de Adão” e “Santana e S. Joaquim”, este último na Galeria de Pintura Quinhentista do Museu de Setúbal/Convento de Jesus. No seu interior, muito transformado pelos tempos, temos um altar policromo, D. Maria, mas, principalmente, temos um conjunto azulejar alusivo à vida de S. Julião, de extremo interesse, pois retrata muitos dos hábitos quotidianos de Setecentos, altura da sua criação, como, por exemplo, as palhotas dos pescadores ou os cortejos fúnebres. Por último, a Câmara Municipal, edifício da traça de Raul Lino, evocando o edifício anterior ao incêndio aludido de 1910, de construção manuelina também. A Câmara havia-se mudado do Largo da Ribeira Velha para a Praça do Sapal no século XVI, juntando-se aos restantes elementos do poder que caracterizam o Antigo Regime. A ligação entre poderosa da aristocracia e da igreja foi o esteio dessa elite enriquecida pelo sal de Setúbal, foi essa aliança que permitiu o contraste evidente entre a riqueza da sua Rua Direita e a miséria dos restantes bairros. Contudo, um outro edifício passa despercebido face a estes, mas que é particularmente relevante. É a Casa do Corpo da Guarda, espécie de aquartelamento militar urbano, destinado à delimitação da estratégia de defesa entre Tejo e Guadiana. É precisamente neste edifício, e não nos outros, que se vai construir o terceiro Passo, com Simão Cireneu que ajuda Cristo a suportar o peso da cruz (S. Mateus. S. Marcos e S. Lucas referem este momento). Note-se

que as portas do Passo estão voltadas para a frente do palácio dos Salemas.

Após esta etapa, seguia-se o percurso pela actual Rua Augusto Cardoso, galgava-se a ribeira do Livramento através da ponte principal e entrava-se no Troino, através da sua Rua Direita (actual Fran Pacheco). Poucos bairros são tão afamados em Setúbal, como o bairro do Troino. Teve a sua génese no final da Idade Média, com a instalação dos mais pobres na área extra-muralhas, ficando, eles e os seus bens, à mercê de um qualquer senhor da guerra. O bairro de palhotas e marinhas foi sendo alterado por um outro de edifícios de pedra e cal, expandiu-se, tornou-se mesmo na freguesia mais habitada da então vila salineira. Penetrando pelo Troino, entramos numa bem conservada malha ortogonal. Rapidamente chegamos a um primeiro Largo, o da Verónica, que deve o seu nome ao Passo aí construído. É o quarto Passo (quinta estação), onde a dita mulher alivia Jesus limpando-lhe o rosto.

Poucos metros seguindo para poente, encontramos no quinto Passo, na Rua Frei Agostinho da Cruz, onde se representava Cristo prostrado sob a cruz, dirigindo-se às filhas de Jerusalém dizendo: “não chorais por mim, chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos” (Lucas 23, 28). Imediatamente a seguir temos o antigo Largo da Anunciada, actual Largo Teófilo Braga, onde muitos são os pontos de interesse. Para além dos palácios urbanos espalhados, de famílias em ascensão social, é a antiga igreja de Nossa Senhora da Anunciada que centra a atenção. Actualmente é o Centro de S. Francisco Xavier, da Caritas Diocesana. Antiga paroquial, tem associada inúmeras histórias de misérias e grandezas da condição humana. Anexo, a actual Cúria Diocesana, com o seu museu, antigo hospital da confraria da Anunciada. Os dois edifícios, ligados umbilicalmente, são a materialização poderosa da lenda que faz nascer este território: *Em hum dos bayrros da mesma Villa de Setuval, chamado o Troyno, há hum Templo, em que he venerada hua milagrosa Imagem da Mãe de Deos, pela qual este Senhor tem obrado em todos os tempos, depois de seu apparecimento, estupendos milagres, & grandes maravilhas. A origem desta Sagrada Imagem, & seus princípios se referem nesta forma. Andava hua pobre velha na praya recolhendo cavacos, & os pãos que o mar lançava à terra, para levar para sua casa, & para se ajudar dellas contra os rigores do frio; posta em sua casa, & accendendo o fogo, os foy pondo nelle. Hum destes, que lhe pareceo cavaco como os mais, depois de o pôr no fogo saltou delle ao meyo da casa, & tornando a metello no fogo segunda vez lhe succedeo o mesmo, & também terceyra, mas já com hum grande resplendor. Admirada a boa mulher, levantou aquelle que lhe havia parecido cavaco, & advertindo com mais atenção o que*

*seria; vio que era hua imagem de nossa Senhora; com cuja vista cheya toda de pasmo, & admiração exclamou dizendo: Virgem Annunciada. A cujas vozes acudindo a vizinhas, & atraz dellas o povo todo de Setuval, & entre elle alguns Ecclesiasticos, que deliberaraõ se puzesse a Santa Imagem em lugar decente, como se fez.*

*Começou logo a obrar nosso Senhor outras maravilhas, com que se accendeo tanto naquelle devoto povo a devoção para com a Santa Imagem, que tomaraõ por sua conta os homes bõs levantarlhe hu fermoso Templo, em que a Mãe de Deos fosse servida, & louvada; o que executaraõ com muita grandeza, & generosidade. Succedeo esta invenção da Senhora pelos annos de 1260 & tantos: porque foy o seu apparecimento no reynado de ElRey D. Affonso o III, chamado o Conde de Bolonha, que morreo no de 1279. Depois que os homes bõs (isto he, os homes nobres daquela Villa) edificáraõ a Casa da Senhora, tratáraõ de a collocar nella; o que fizeraõ com muyta solemnidade, & despeza; & a tudo os movia a multidão de maravilhas que a Senhora obrava. Recolherão-na em hua rica custodia de ouro, puzerão hua relíquia do Santo lenho da Cruz, metida em hum viril de cristal.*

Entrando na Paroquial de Nossa Senhora da Anunciada, via-se então Cristo crucificado entre os dois ladrões, o Calvário, terminando a procissão com a sua morte. Era neste complexo arquitectónico que estava o dito hospital de mulheres, promovido pela confraria de objectivos sociais principal dos não nobres. O espaço onde estavam confinadas, paredes-meias com a paroquial da Anunciada, relembra a todos o como era a vida na parte mais pobre da povoação, a zona a poente da ribeira do Livramento. A associação da paroquial ao hospital mostrava, por outro lado, que a salvação daquela existência só podia ser alcançada através da Igreja, algo que estava bem enraizado nas mentes da população. Portanto, após uma vida dura, aquando da viuvez ou da orfandade, as mulheres tinham a sua res-tia de dignidade através da contrição dos pecados e da salvação propalada pelo sacerdote. Nele também existia uma enfermaria para os capuchinhos da Arrábida e para os franciscanos de Brancanes, reformados por António das Chagas.

Enfim, neste caminho, menos de 1000 metros, concentram-se os marcos da paisagem que definem as escolhas das elites aristocráticas e económicas; onde se vê, de forma evidente, como se materializaram os lucros desse autêntico ouro branco que foi o sal estuarino, onde se definia como e quem mandava, num equilíbrio de poderes entre igreja, aristocracia mercantil e militar, esta última que se congregava em torno da Santa Casa, cultivando predisposição para a piedade, incorporando o bairro dos pobres (e os próprios pobres) no itinerário da procissão.

A comoção provocada pela rememoração colectiva dos sofrimentos que Cristo passou em nome de toda a humanidade, permitia transmutar, na obscuridade nocturna, a ordem natural das coisas. Quando se abriam os portões dos Passos é como se deles dimanasse uma força espiritual que convertesse o espaço profano da urbe em espaço sagrado. O percurso, apesar de labiríntico, era um labirinto pleno de sentidos e rico de significados, pois os espaços realçados contam uma

determinada visão da comunidade, a interpretação de si para si mesma. Tratava-se de um percurso dos ricos e dos pobres, dos cristãos-velhos e dos cristãos-novos, dos homens e das mulheres, em suma, tentava ser um momento que permitia a coesão social da totalidade da comunidade, afastada em nome das aparências e dos preconceitos, alimentados secularmente, todos os outros dias do ano.

## CARTOGRAFIA

*Planta de 1580*, executada por F. Terzi – Códice da Casa de Cadaval, n.º 29, planta 80 Instituto de Arquivos Nacionais-Torre do Tombo.

*Planta do Porto de Setúbal* na Descrição do Reino do Algarve, finais do século XVI IAN/TT.

Demonstração da barra de Setuval in *Atlas de João Teixeira*, século XVII – Sociedade de Geografia de Lisboa.

*Planta da Praça de Setuval*, encomendada pelo Marquês de Fronteira, executada em 1690 – Plantas das Fortalezas da costa portuguesa entre V. N. De Mil Fontes e as Berlengas, cc., n.º 28, rolos 640-41, Instituto de Arquivos Nacionais-Torre do Tombo.

*Planta da Vila de Setuval* da autoria de Maximiano Joze da Serra, Sargento Mor do Real Corpo de Engenharia, elaborada em 1805 – Museu de Setúbal/Convento de Jesus.

## ARQUIVO

Arquivo Distrital de Setúbal – Fundo Almeida Carvalho 37/9, f. 4.

Arquivo Distrital de Setúbal – Fundo Almeida Carvalho 37/9, f. 5 e 6 – extraído de Livro n.º 223 – Termos e Acordãos da Mesa de 1671 – 1713, f. 97 – Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal.

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal: “Auto de Posse – Todas as Alfaias, bens e direitos que pertenciam à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos dada em 2 de Julho de 1862 à Santa Casa da Misericórdia de Setúbal; cinco capelas situadas em diversas localidades desta cidade, e que servem de estações dos cinco passos, avaliadas em duzentos e setenta e cinco mil reis.”

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, L. (1999) – *Memórias da Alma e do Corpo*. Viseu: Palimage, p. 269.

BLOT, M. L. de B. H. P. (2001) – *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e fluvio-marítimas em Portugal*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais, 2 volumes.

ELIADE, M. (1992) – *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes.

FALCÃO, M. F. F. (s.d.) – *Directório da Piedade Popular e Litúrgica*. S.l.: Ed. DPPL, p. 131-135.

FARIA, C. V. de (1990) – História urbana de Setúbal, olhar o passado – perspectivar o futuro in *Setúbal na História*. Setúbal: LASA, Setúbal, p. 41-49.

LUCAS (S.) – *Evangelho segundo S. Lucas*, cap. 23, vers. 28.

NETO, J. L. (2010) – *A Idade do Ouro Branco...*, Salamanca: Universidad de Salamanca, 2010, Parte II, cap. 7.

PEREIRA, F. A. B. (1990) – A mais antiga planta de Setúbal in *Actas do 1.º Encontro de Estudos Locais do Distrito de Setúbal*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal, vol. 1, p. 145-154.

PEREIRA, F. A. B. (1993) – O centro histórico de Setúbal e os seus principais valores Patrimoniais in *Actas das Jornadas inter e pluridisciplinares "A Cidade"*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 503-513.

SALES, E. e AZEVEDO, P. de (1925) – *Livro Santa Cruz e Passos*. Lisboa: Ed. autor.

SANTOS, J. F. S. (2011) – *Os Passos da Paixão de Setúbal*. Lisboa: Universidade Lusófona.

SILVA, D. S. (2011) – *Rituais e celebrações públicas da assistência em Setúbal, do final da monarquia constitucional à inauguração do Museu da Cidade (1893-1961)*. Lisboa: ISCTE - IUL.

SILVA, J. C. V. da (1990) – *Setúbal*. Lisboa: Presença, p. 35.

SOUSA, I. V. (1999) – *Da fundação da Misericórdia à fundação das Misericórdias (1498-1525)*. Porto: Granito, p. 59-71.

TOJAL, A. A. e PINTO, P. C. (2002) – *Bandeiras das Misericórdias*. Coord. Natália Correia Guedes. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdias, p. 90-96.